

**“GOSTO MUITO DE ESTUDAR INGLÊS”: ATITUDES POSITIVAS EM
RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA**

**“ME GUSTA MUCHO ESTUDIAR INGLÉS”: ACTITUDES POSITIVAS EN
RELACIÓN LA APREDIZAJE DE LA LENGUA INGLESA**

**“I REALLY LIKE TO STUDY ENGLISH”: POSITIVE ATTITUDES TOWARD
LEARNING THE ENGLISH LANGUAGE**

Flávius Almeida dos ANJOS¹

RESUMO: Este artigo foi elaborado sob a égide da Linguística Aplicada. O tema central são as atitudes positivas de aprendizes de língua inglesa. No cerne dessa reflexão emergem alguns fatores diretamente relacionados às atitudes, como motivação e orientação para aprender uma língua estrangeira. O objetivo deste trabalho é discutir como as atitudes são originadas, ressaltando a elaboração de um continuum das atitudes positivas, para uma melhor compreensão delas. Para tanto, são apresentados dados da pesquisa etnográfica, gerados a partir de uma entrevista conduzida com 91 estudantes da graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que apontam a ocorrência de orientações instrumental e integrativa e da motivação. A relevância deste trabalho reside no fato de poder apresentar dados que podem auxiliar professores de língua inglesa a terem uma compreensão mais acurada da questão das atitudes.

PALAVRAS-CHAVES: Atitudes positivas. Língua inglesa. Ensino-aprendizagem.

RESUMEN: Este artículo fue elaborado bajo la égida de Lingüística Aplicada. El tema central son las actitudes positivas de los estudiantes de inglés. En el centro de esta reflexión se encuentran algunos factores directamente relacionados con las actitudes, como la motivación y la orientación para aprender una lengua extranjera. El objetivo de este trabajo es discutir cómo se originan las actitudes, enfatizando la elaboración de un continuo de actitudes positivas, para una mejor comprensión de las mismas. Para ello, se presentan datos de investigación etnográfica, generados a partir de una entrevista realizada con 91 estudiantes de pregrado de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia, quienes señalan la ocurrencia de orientaciones y motivaciones instrumentales e integradoras. La relevancia de este trabajo estas en el hecho de que puede presentar datos que pueden ayudar a los profesores de inglés a tener una comprensión más precisa del tema de las actitudes.

PALABRAS CLAVE: Actitudes positivas. Inglés. Ensinãza-apredizaje.

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Santo Amaro – BA – Brasil. Professor Adjunto de Língua Inglesa no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas. Doutorado em Língua e Cultura (UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9918-7693>. E-mail: flaviusanjos@gmail.com

ABSTRACT: *This paper was elaborated under the aegis of Applied Linguistics. The central theme are the positive attitudes of English learners. In the core of this reflection some factors emerge directly related with attitudes, such as motivations and orientation to learn a foreign language. The objective of this paper is to discuss how the attitudes are originated, highlighting the elaboration of a continuum of positive attitudes, to better understand them. Therefore, some data are presented, an ethnographic research, generated from an interview, which was conducted with 91 undergraduate students, from the Recôncavo of Bahia Federal University, which pointed to the occurrence of instrumental and integrative orientations and of motivation. The relevance of this work rests on the fact that these data may support teachers of English to have a more accurate understanding of their attitudes.*

KEYWORDS: *Positive attitudes. English language. Teaching-learning.*

Introdução

Este artigo versa acerca das atitudes positivas de um grupo de aprendizes de língua inglesa. Assim, apresentará dados de uma pesquisa etnográfica, realizada à luz da Linguística Aplicada, por tanto de caráter interdisciplinar.

Inicialmente se faz necessário tratar de questões que envolvem a sala de aula de língua inglesa. Desse modo, diversos contextos de aprendizagem da língua inglesa são marcados por problemas relacionados com escolhas metodológicas, livros didáticos, carga horária e professores. Tais problemas refletem a deficiência do processo e, apesar do retrato negativo, ainda é possível perceber índices de atitudes positivas em relação à aprendizagem da língua inglesa.

Nesse cenário, suspeito que as atitudes positivas ocorram quando aprendizes motivados agem e avaliam favoravelmente a aprendizagem da língua inglesa. Assim, inicialmente, parto do princípio de que aprendizes motivados podem apresentar atitudes positivas. Entendo atitudes positivas em relação à aprendizagem, como reações favoráveis relacionadas ao contexto de aprendizagem, ao relacionamento com o professor, ao curso, aos colegas de classe, ao material didático, à metodologia, à própria língua e cultura estrangeiras. Essa reação favorável parece facilitar substancialmente o processo de aprendizagem, pois, as atitudes o influenciam (GARDNER, 1985).

É na Psicologia Social que é possível encontrar subsídio teórico para, de fato, compreender e embasar o que proponho neste trabalho, sob a égide da Linguística Aplicada, já que visio compreender as atitudes, a motivação e a desmotivação de um grupo de estudantes universitários, no contexto da sala de aula de língua inglesa. A motivação e a desmotivação também sinalizam a ocorrência de atitudes por parte dos aprendizes, através de uma relação

cuja essência está centrada em sentidos de causa e efeito, como explicarei mais adiante, ancorado nos pressupostos teóricos da Psicologia Social, onde encontrei aporte suficiente para dar conta desta reflexão.

Nesse sentido, serão apresentadas algumas concepções de motivação e atitude, tentando esclarecer como essa relação ocorre. Para tanto, início esclarecendo o conceito de “atitude”. A palavra é de origem latina, *aptitudo*, que significa uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a grupos, questões, outros seres humanos, ou, mais especificamente, a acontecimentos ocorridos em nosso meio circundante. “Atitude” também pode ser entendida como uma expressão positiva ou negativa em relação à língua, que pode favorecer ou refletir dificuldade na aprendizagem, grau de importância e elegância ou *status* social. As atitudes também podem mostrar o que as pessoas pensam sobre os falantes de uma determinada língua, refletindo motivação ou desmotivação. Além disso, outras definições diferentes do termo “atitude” são encontradas no campo da Psicologia Social, dentre as quais seleciono, abaixo, algumas dessas reflexões.

À luz da Psicologia, Allport (1954) é um dos pioneiros a teorizar sobre a questão das atitudes, ao elaborar a noção de que ‘atitude’ é um estado de prontidão neural e mental, estruturado por experiências, desempenhando uma influência dinâmica sob as respostas do indivíduo aos objetos e situações com as quais ele está relacionado. Assim, Allport (1954), mesmo contemplando fatores de ordem cognitiva, apresenta um aparente equívoco ao dizer que as atitudes influenciam as respostas dos indivíduos às questões às quais ele está relacionado, tendo em vista que atitude é a própria resposta do indivíduo a um referencial qualquer, não podendo, portanto, ser fator influenciador.

Na visão de Hosseini e Pourmandnia (2013), “atitude” é uma tendência a responder positiva ou negativamente em relação à certa coisa, como ideias, objetos, pessoas ou situações. Esses autores dizem que as atitudes em relação à língua podem variar baseadas em questões culturais e experiências prévias e argumentam que as atitudes positivas e negativas não são desenvolvidas acidentalmente, mas que emergem por algumas razões, sobre o que tratarei mais adiante. Em uma perspectiva avaliativa, Eagly e Chaiken (1993) compreendem “atitude” como uma tendência psicológica materializada, ao se avaliar uma entidade particular com algum grau de aprovação ou reprovação. A noção elaborada por esses dois autores alinha-se com a de Gardner (1985), um dos maiores expoentes da Psicologia Social, porque compreendem atitude com base em julgamentos, em princípios de assentimento e recusa.

Como se vê, o conceito fundamental de “atitude” encontra-se diversificado na Psicologia Social. Daí também a necessidade de se conectar o pensamento com essa fonte, pois, dentre outros aspectos, é Gardner (1985) quem, em seu trabalho intitulado *Social Psychology and Second Language Learning*, elabora a definição fundamental de “atitude”, quando postula que esta é uma reação avaliativa sobre um referente, com base nas crenças e opiniões que um indivíduo tem sobre esse referente e, nesse sentido, destaca que as atitudes em relação à língua podem se manifestar de diferentes maneiras:

Essa perspectiva também concentra-se na língua como algo mais do que um código neutro. Por causa disso, as atitudes relacionadas à língua podem estar envolvidas. Exemplos incluem atitudes em relação à aprendizagem de língua, atitudes em relação a falá-la, reações ao seu som ou natureza, ou estrutura, etc. O ponto importante aqui é que, desde que a língua não represente um aspecto da própria herança cultural do indivíduo, as atitudes em relação aos aspectos da língua poderiam desempenhar um papel em determinar o quão bem sucedido um indivíduo seria ao adquirir uma língua (GARDNER, 1985, p. 7, tradução nossa).²

Feitas essas considerações conceituais sobre as atitudes, trato da questão da relação entre atitude positiva em relação à aprendizagem da língua inglesa, motivação e orientação para aprender esse idioma.

Compreendendo o universo das atitudes positivas em relação à aprendizagem da língua inglesa

Se for perceptível uma relação entre motivação e atitudes positivas, daí é possível postular a existência de um *continuum*, em que esses, e outros possíveis elementos podem estar dispostos, numa relação de causa e efeito. Compreender como os elementos estão dispostos nesse *continuum* é o que esta seção inicialmente se propõe fazer. E já que até aqui suspeito que a motivação seja a primeira desses elementos, relacionado com as atitudes positivas, discorrerei brevemente sobre ela.

De acordo com Fernández e Gallegari (2009, p. 63), motivação é o “direcionamento de energia que o aluno dispensa em cada situação”. Já para Bzuneck (2001), a motivação ou o motivo é o que move uma pessoa, impulsiona uma ação ou a faz mudar de direção. Provém

² This perspective also focuses attention on the language as something more than a neutral linguistic code. Because of this, attitudes relating to the language itself could be involved. Examples include attitudes toward learning the language, attitudes toward speaking it, reactions to its sound or character, or structure, etc. The important point here is that, since the language does not represent an aspect of the individual's own cultural heritage, attitudes toward aspects of the language could play a role in determining how successful an individual would be in acquiring it (GARDNER, 1985, p. 7).

daí a informação que motivação pode gerar atitudes positivas, pois “quando as pessoas decidem fazer alguma coisa, a motivação é responsável por essa atitude” (JACOB, 2004, p. 34).

Para os canadenses Gardner e Lambert (1959), a aptidão (ou dom) atribuída a uma pessoa não podia resumir a materialização do domínio de uma Língua Estrangeira (LE) em todos os seus aspectos, pois outros fatores, como atitude em relação à LE e a seus falantes, assim como a motivação, interferem nesse processo de aprendizagem. Como a aprendizagem também é orientada pela motivação, que, por sua vez, gera atitudes positivas, acredito que atitudes positivas em relação à aprendizagem de uma LE facilitem o processo, pois sustentam a motivação. Como afirma Yang Yu (2010), as atitudes positivas podem levar ao crescimento da motivação, o que, por sua vez, leva ao sucesso, porque quanto mais motivação, melhor o desempenho (BZUNECK, 2001). Todavia, não se deve generalizar, pois, como ressalta Gardner (1985, p. 41, tradução nossa): “um indivíduo pode ter atitudes positivas em relação à LE, mas pode preferir não estudar a língua na escola por causa de um sentimento de que tal contexto é inapropriado, por não gostar do professor”.

Entretanto, via de regra, acredito que se há motivação, aprendizes apresentarão atitudes positivas. Para entendê-las, retomo a questão do *continuum*. Até aqui, ele tem sido elaborado com base na motivação. Para além dessa compreensão, é preciso investigar o que possivelmente leva um aprendiz a ter motivação. As pessoas, em geral, se sentem motivadas por razões diversas. E, no contexto de aprendizagem de uma língua, Gardner (1985, p. 51, tradução nossa) pontua que:

O tipo de motivação responde ao questionamento do porquê o indivíduo está estudando a língua. Refere-se à meta. Muitas razões poderiam ser listadas: para ser capaz de se comunicar com membros daquela comunidade linguística, para conseguir um emprego, para aperfeiçoar a educação de alguém, para viajar, para agradecer os pais, para satisfazer as solicitações de uma língua, para obter poder social, etc.

As considerações pontuadas por Gardner (1985) automaticamente conduzem essa reflexão aos dois modelos de orientação elaborados por ele: 1) Instrumental e a 2) Integrativa, ambos geradores de motivação e, conseqüentemente, de atitudes positivas. A compreensão dessas orientações é fundamental para a construção de um arcabouço teórico que explique as atitudes positivas. As orientações, desse modo, dizem respeito à meta da aprendizagem, e elas têm um papel central no acionamento da motivação, porque “sem existir um objetivo, a motivação fica bastante comprometida” (RAMOS, 2009, p. 55). Então, inicialmente, também

parto do princípio de que, além de outros fatores, as orientações podem levar os aprendizes a desejar aprender uma LE qualquer e podem acionar motivação.

Nessa linha de raciocínio é relevante esclarecer acerca de dois tipos de motivação: a 1. Intrínseca e a 2. Extrínseca. A motivação Intrínseca se ancora na noção de que os seres humanos são seres ativos, que necessitam de autonomia e detêm uma curiosidade inata (NICHOLSON, 2013). Desse modo, esse tipo de motivação emerge do íntimo do aprendiz, pois ele não precisa de fatores externos para agir. Na visão de Nicholson (2013), a motivação Intrínseca se manifesta quando aprendizes participam ativamente das atividades, sem a necessidade de serem recompensados. A motivação deles ancora-se em fatores internos e não externos. Para Guimarães (2001), a motivação de natureza Intrínseca é uma espécie de propensão inata e natural dos seres humanos para envolver o interesse na busca por desafios. Nesse sentido, essa autora explica que:

Um indivíduo intrinsecamente motivado procura novidade, entretenimento, satisfação da curiosidade, oportunidade para exercitar novas habilidades e obter domínio. Está implícita nessa condição uma orientação pessoal para dominar tarefas desafiadoras, associando ao prazer derivado do próprio processo (GUIMARÃES, 2001, p. 37).

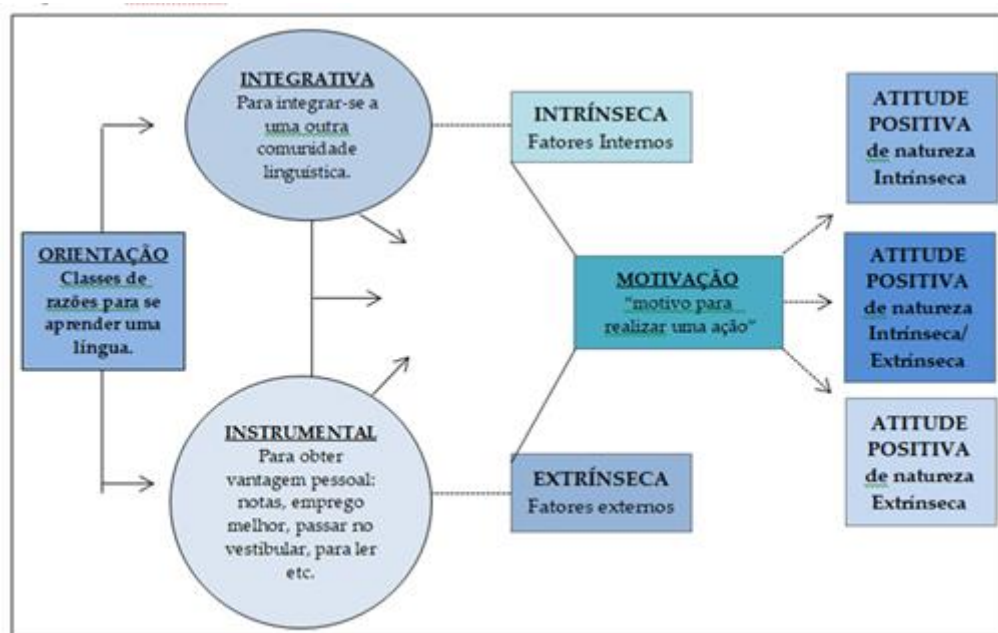
Nas suas reflexões, Guimarães (2001) pontua que alunos motivados intrinsecamente podem apresentar algumas características particulares, como: não apresentam ansiedade frente a pressões ou emoções negativas, as quais poderiam interferir nos seus desempenhos, eventos alheios do cotidiano não afetam os seus níveis de interesse no que está desenvolvendo, apresentam alto nível de concentração, chegando a perderem a noção do tempo durante o processo de ensino/aprendizagem, as falhas não os impedem de continuar tentando e continuam na busca de novos desafios ainda que atinjam determinados níveis de habilidades.

Já a motivação Extrínseca envolve engajamento em uma tarefa, devido a fatores externos, como trabalhar para ganhar dinheiro, comida, etc. Para Guimarães (2001) tais fatores não funcionam como coerção, mas como fontes de informação sobre as ações importantes a serem cumpridas e acrescenta:

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidades (GUIMARÃES, 2001, p. 46).

Assim, evidente que a motivação extrínseca se alicerça em princípios de recompensa a curto, médio e longo prazo. Entretanto, Guimarães (2001) entende que essas recompensas devem ser utilizadas com cautela e chega a dizer que se deve evitar motivar os alunos extrinsecamente no envolvimento com as atividades, porque esta motivação pode comprometer a motivação intrínseca, embora essa autora destaque que esse tipo de motivação tenha também efeitos benéficos. Dörnyei (1994) compartilha desse pensamento ao dizer que a motivação extrínseca tradicionalmente tem sido vista como algo que pode enfraquecer a motivação intrínseca. Esse pesquisador informa que diversos estudos têm confirmado que os estudantes perderão os seus interesses intrínsecos naturais em realizar uma atividade se eles têm que fazê-la para corresponder a solicitações extrínsecas e menciona o caso de leituras obrigatórias na escola.

Para além dessa reflexão é importante compreender como esses tipos de motivação se relacionam com as orientações para aprender línguas. A princípio, é possível dizer que as orientações (Instrumental e Integrativa) funcionam como uma espécie de fio condutor do tipo de motivação a ser gerada. Pois, parece evidente que a motivação Intrínseca está relacionada com a orientação Integrativa, enquanto a Extrínseca com a orientação Instrumental. Isso se dá tendo em vista que quando aprendizes almejam se comunicar com outros falantes, de determinadas comunidades linguísticas (Orientação Integrativa) isso gera motivação Intrínseca, enquanto, se um aprendiz aprende uma língua para obter benefícios pragmáticos e utilitários (GHAZVINI; KHAJEHPUR, 2011), tais como para obter notas, passar no vestibular, para melhores empregos, salários altos (Orientação Instrumental), isso gera motivação Extrínseca. A seguir apresento a Figura 1, do *continuum* que elaborei para melhor compreensão dessa relação entre orientação, motivação e atitude positiva:

Figura 1 – *Continuum* das atitudes positivas

Fonte: elaborado pelo autor.

Fonte: Acervo do autor

Como se pode perceber, parece existir uma relação de causa e efeito entre orientação, motivação e atitude positiva, num *continuum*, em que a orientação e a motivação poderão ser diferentes, já que basicamente elas podem ser classificadas de duas maneiras, a depender do objetivo da aprendizagem. Quando se constata a ocorrência das atitudes positivas, em relação à aprendizagem da língua inglesa, acredito, portanto, que a raiz de tal atitude pode estar em um dos tipos de orientação, que pode ser instrumental ou integrativa, ou nas duas concomitantemente, porque parece que uma não anula outra. E, assim, o *continuum* se consolida.

As orientações podem ser estimuladas por professores na sala de aula. Eles, em uma perspectiva instrumental, podem destacar a relevância da aprendizagem da LI para fins práticos e relacionados ao desenvolvimento profissional. Ou, em uma perspectiva integrativa, eles podem ressaltar a relevância de aprender uma língua para participar das ações de outra comunidade linguística, para se integrar a ela, mas, acompanhada de uma atitude crítica, consciente e não alienada, cujo objetivo seja conhecer, compartilhar e respeitar o jeito de ser, de pensar do outro. Ambas, a meu ver, trazem, em seu bojo, finalidades relevantes para a formação do aprendiz.

Apesar do aparente benefício, Moita Lopes (1996) já discordava dessa visão, alegando ver na motivação integrativa uma forma de colonização cultural e linguística. Para tanto, esse

autor cita como exemplo a atitude de imitação da pronúncia perfeita do nativo como um sintoma de alienação, vendo tal postura como uma identificação total com o colonizador e um conseqüente abandono da identidade cultural do aprendiz. Graddol (2004) compreende essa noção equivocada de que aprendizes devem emular o sotaque nativo como uma das ideias mais anacrônicas e distorcidas no que concerne à aprendizagem da LI. Por isso, concordo que, como o inglês tem sido amplamente usado como uma língua global se espera que os falantes sinalizem as suas nacionalidades e outros aspectos das suas identidades através da língua que se tornou o idioma de comunicação global (GRADDOL, 2004). Para que isso aconteça, professores tem um papel central quanto à conscientização dos aprendizes.

É razoável dizer, apesar de toda essa polêmica gerada em torno das orientações, que os professores têm um papel central no que concerne às explicações acerca delas junto ao corpo discente. Acredito que aprendizes bem orientados terão consciência das suas motivações e, desse modo, seguirão uma trajetória de sucesso na aprendizagem da LI. Estudos em larga escala têm emergido no campo da Psicologia Social, o que pode dar suporte à Linguística Aplicada, cujos diálogos podem possibilitar professores e alunos motivados no contexto de aprendizagem, já que conscientes de suas orientações saberão seguir a rota que leve a um aprendizado mais significativo.

Metodologia

O *continuum* mencionado na seção anterior emergiu a partir dos dados da pesquisa³ etnográfica conduzida com 91 estudantes da graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Dentre os instrumentos de coleta de dados utilizados neste estudo, fizemos um recorte e apresentaremos os dados da entrevista livre narrativa. Após a coleta dos dados, procedeu-se a sua análise, dando origem a informações tanto qualitativas quanto quantitativas. A opção pelo tratamento nesses dois moldes se deu tendo em vista a confiabilidade de ambos com base nos fatos observados e constatados. A interpretação desses dados, longe de ser uma versão subjetiva, trata-se de uma descrição dos acontecimentos em seu sentido natural, com o intuito de descortinar os fatos, através de técnicas de anotação e inscrição do discurso social (GEERTZ, 2008).

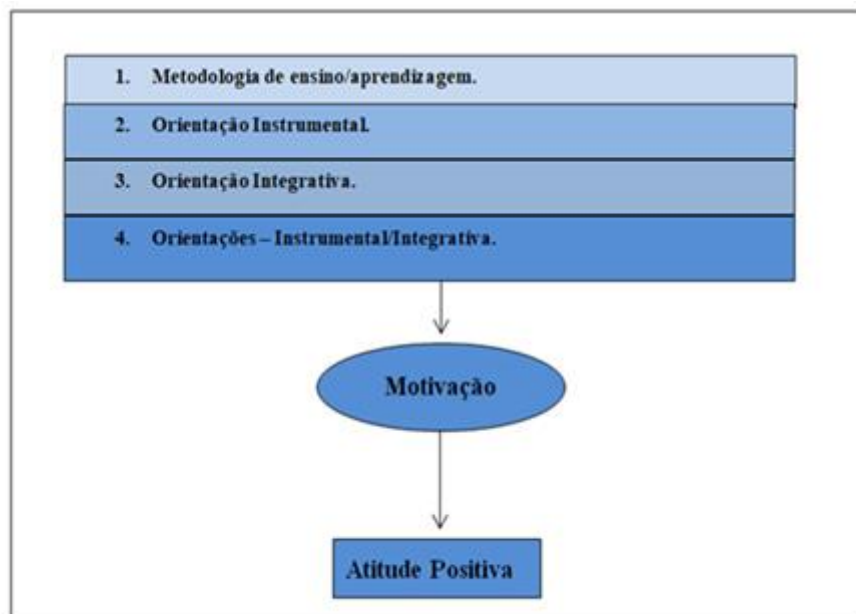
³ Esta pesquisa foi devidamente protocolada na Plataforma Brasil, como requerem as formalidades acadêmicas vigentes, tendo parecer aprovado pelo Comitê de Ética sob o número CAAE 59915516.7.0000.5531. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeceram aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012.

O fazer etnográfico, nesse sentido, foi possibilitado pela imersão no campo de pesquisa, interagindo com os envolvidos no processo de aprendizagem específico. Para tanto, segui o raciocínio de Bortoni-Ricardo (2006), quando ela pontua que na escola ou na sala de aula, a pesquisa do tipo etnográfica começa quando os etnógrafos procuram responder a três perguntas: (1) O que está acontecendo aqui? (2) O que essas ações significam para as pessoas que estão envolvidas nelas? (3) Como essas ações que têm lugar em um microcosmo como a sala de aula se relacionam com dimensões de natureza macrossocial em diversos níveis, começando pelo sistema local em que a escola está inserida; a cidade e a comunidade nacional? Assim, segui esse raciocínio para buscar respostas às perguntas de pesquisa que suscitavam respostas no tocante ao ensino e à aprendizagem da língua no contexto já especificado.

Os dados gerados

Com base nesses dados foi possível também verificar os dois tipos de orientação, apresentados pelos participantes: a instrumental e a integrativa. Para uma compreensão organizada desses dados, postulo que a motivação está assentada em quatro fatores, os quais consequentemente geram atitudes positivas, conforme o quadro e as explicações a seguir:

Figura 2 – Fatores desencadeadores de motivação e atitude positiva



Fonte: elaborado pelo autor.

Fonte: Acervo do autor

1. Motivação baseada na Metodologia de ensino/aprendizagem:

Motivação com base na Metodologia de ensino/aprendizagem diz respeito ao fato de um indivíduo ter vontade de aprender por conta da metodologia. O conceito de metodologia que norteia a questão levantada aqui é o proposto por Richards e Rodgers (2014), porque, segundo eles, método é o nível em que uma teoria é colocada em prática e quais escolhas são feitas sobre habilidades particulares e conteúdos a serem ensinados, ou seja, são procedimentos que são adotados na sala de aula. A metodologia, de algum modo, faz com que um aprendiz decida ou não se engajar no processo de ensino/aprendizagem. A análise desses dados permite dizer que a maioria desses participantes tinha motivação para aprender inglês no contexto da universidade e, conseqüentemente, apresentaram atitude positiva.

Desse modo, as suas motivações estavam também relacionadas com a metodologia de ensino/aprendizagem da língua inglesa, o que constatei, por exemplo, quando A9 revelou ‘o professor mudou e a metodologia de ensino é extremamente mais produtiva e interessante’, para fazer referência a sua motivação para aprender inglês naquele semestre. Nessa mesma perspectiva, A2, A3 e A4 sinalizaram também que as suas motivações tinham relação com a metodologia, ratificando a hipótese levantada neste trabalho de que a motivação tem relação direta com os elementos que compõem o ensino e aprendizagem, gerando atitudes positivas. A seguir estão os depoimentos dos participantes mencionados anteriormente, reveladores de atitudes positivas relacionadas com a metodologia de ensino:

A2: Sim. As aulas tornaram-se interessantes e dinâmicas.

A3: Sim. Apesar de considerar importante o aprendizado da língua inglesa no meio acadêmico, até o terceiro semestre não tivemos como estabelecer intimidade com a língua, visto que as aulas não eram produtivas nem pra quem já tem uma base de inglês nem pra quem não sabe nada.

A4: Depende muito do professor e da metodologia aplicada por ele na sala de aula. Nos semestres anteriores não me sentia motivada, não existiam dinâmicas nas aulas, nós tínhamos que aprender em grupos, ou seja, nossos colegas nos davam aula; assistir aula era cansativo e chato. Neste semestre me sinto motivada, as aulas são dinâmicas e mesmo eu não tendo um vocabulário tão rico quanto o dos meus colegas, que tem domínio do inglês, não me sinto excluída na sala; busco sempre responder as atividades mesmo tendo que buscar palavra por palavra no dicionário. Acredito que quando o professor acredita no que faz e faz porque gosta, os alunos refletem isso demonstrando interesse em aprender.

A análise desses depoimentos, dentre outras coisas, permite dizer que A4 sinaliza claramente que a sua motivação está relacionada com o professor e a metodologia por ele adotada. Prova disso é que ela compara momentos distintos do seu processo de aprendizagem

(“semestres anteriores” e “neste semestre”) para dizer que mudanças metodológicas implicaram na sua motivação para aprender inglês. Além disso, A4 consegue perceber a importância do professor gostar do que faz o que, para ela, reflete no engajamento dos aprendizes para aprender.

2. Motivação baseada na orientação Instrumental:

Motivação com base na orientação Instrumental ocorre quando um indivíduo sente vontade de aprender uma LE por questões acadêmicas, para o trabalho, viagens. É quando emergem valores e vantagens práticas da aprendizagem de uma LE (GARDNER, 1885). Baseado nisso, foi possível diagnosticar a orientação desses aprendizes de língua inglesa. A respeito disso é possível dizer, com certeza, que A18, A48, A58 e A60 têm uma orientação instrumental, porque todos revelaram que as suas aprendizagens do inglês estavam orientadas para a leitura de artigos científicos. Com características semelhantes, A54 e A55 revelaram traços também de uma orientação instrumental, quando sinalizaram que a aprendizagem do inglês estava orientada pela ‘possibilidade de viajar’, ‘possibilidade de intercâmbio’. A seguir estão os depoimentos de alguns desses participantes, reveladores de atitudes positivas e orientação instrumental:

A18: Sim. Porque além de me ajudar no entendimento da língua, aprender inglês na Universidade me dá base para estudar livros estrangeiros da área da saúde com maior facilidade.

A48: Para ser honesto, o que me motiva aprender inglês, restringe-se ao fato de ter que dominar a língua minimamente para compreender os artigos do curso que pretendo exercer/fazer no momento. O curso médico exige bastante o inglês.

A58: Sim, porque muitos artigos são encontrados apenas em inglês.

A60: Sim, pois temos acesso a artigos em inglês e os mesmos são indicados pra gente, afinal no campo científico o inglês é a língua mãe, então, temos muitos artigos importantes na língua inglesa. Além disso, a dinâmica das aulas com amigos que conheço e que sabem um pouco ou muito sobre a língua compartilha conhecimentos, contudo, as aulas têm duração extremamente curta.

3. Motivação baseada na orientação Integrativa:

Motivação baseada na orientação Integrativa ocorre quando um indivíduo deseja aprender uma LE para se integrar a outra comunidade linguística. Trata-se de um tipo de orientação que reflete um interesse pessoal e sincero pelas pessoas de outros grupos culturais (GARDNER, 1985). Tal desejo faz com o aprendiz se dedique ao aprendizado de uma LE, movido exclusivamente pela ideia de poder se articular comunicativamente com outros povos,

usando, para tanto, a língua estrangeira como alternativa de comunicação. Nessa perspectiva, A12 e A74 sinalizaram traços de uma única orientação: a integrativa, conforme se vê nos depoimentos a seguir:

A12: Pretendo no segundo ciclo do curso, aperfeiçoar meu inglês para ter uma experiência fora do país.

A74: Devido à necessidade de comunicação além da fronteira brasileira.

4. Motivação baseada nas duas orientações – Instrumental/Integrativa:

Motivação baseada nas duas orientações – Instrumental/Integrativa é quando um indivíduo apresenta os dois tipos de orientação concomitantemente, sem uma anular a outra. Com base nisso, constatei que A20, A24 e A50, consoante o que já havia previsto, têm tanto orientação instrumental quanto integrativa, quando revelaram que as suas motivações estavam relacionadas com a possibilidade de conhecer outros países, acessar outras culturas, ler artigos, se comunicar com outras pessoas e se integrar a outras comunidades linguísticas. A seguir estão os relatos desses três participantes da pesquisa:

A20: Sim, primeiramente porque sempre foi um sonho conhecer outros países e, pra isso, aprender inglês é fundamental, me permite também ler artigos e assistir documentários sem tradução, entre outros.

A24: Muito, sempre tive especial interesse na língua Inglesa, por várias razões, e a principal se relaciona à leitura, de ler com fluência e poder me comunicar com pessoas que falam inglês, conhecer outras culturas e fortalecer os laços de amizade.

A50: Sim, saber inglês nos possibilita intercâmbios com outras culturas, além do mais, nos permite ter contato direto com diversos meios de informações, sem a necessidade de uma legenda ou tradução, visto que traduções mal feitas podem ser meios para uma veiculação equivocada de informação.

Após a análise desses dados, foi possível delinear um quadro geral de motivação e desmotivação desses aprendizes de língua inglesa no contexto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Os dados apontam que 31% deles revelaram desmotivação, enquanto 69% revelaram se sentir motivados para aprender a língua inglesa no referido contexto de aprendizagem. Isso evidencia, desse modo, que se a maioria tem motivação para aprender inglês na universidade, é porque aquela comunidade discente reconhece a relevância do ensino desse idioma para a sua formação e, por isso, há grandes possibilidades desse processo funcionar.

Ainda com o intuito de investigar as orientações (instrumental-integrativa) dos aprendizes, fiz o seguinte questionamento: Pra que você quer aprender inglês mesmo? A

pergunta foi elaborada, porque tinha em mente que encontraria as mencionadas orientações. Os dados, de algum modo, apontariam para a ocorrência da orientação instrumental, da integrativa, ou, o que é possível, a ocorrências dos dois tipos. No bojo dessa análise, constatei que 51% dos participantes da pesquisa apresentaram, com base nesse questionamento, traços de uma orientação mais instrumental, ao terem revelado que desejavam aprender inglês para leitura de textos acadêmicos, artigos científicos, acesso a literatura internacional, para fazer viagens, para ampliação de conhecimento e por questões profissionais. A seguir alguns dos depoimentos dos aprendizes que sinalizaram orientação instrumental:

A16: Quero aprender inglês principalmente pelo conhecimento, pela possibilidade de interpretar novos trabalhos científicos, como também, para minha vida profissional, creio ser mais que necessário para a área da saúde.

A22: O inglês é uma língua falada mundialmente, e é encontrada principalmente nos livros e artigos didáticos que costumo ler. Além disso, filmes, series, cotidiano, em tudo isso vejo o inglês que me “força” a aprender.

A79: Hoje, para ler os artigos e livros que me são postos. Mas, também como aprendi em outro curso de línguas, compreender outras culturas faz com que crescamos mais como indivíduos inseridos num mundo diverso.

Os dados também possibilitaram diagnosticar que uma parcela bem menor, apenas 3% dos participantes têm uma orientação integrativa, regida pelo desejo de usar a língua para se integrar a uma outra comunidade linguística, conforme revela o depoimento de A5 a seguir:

A15: Dominar um segundo idioma é uma forma de deixar o cérebro ativo e evitar doenças neurológicas, falar inglês pode possibilitar uma comunicação maior com outras culturas, pois há várias culturas na qual as comunicações são feitas em inglês.

Por outro lado, foi possível verificar, em índice bem maior, a ocorrência concomitante dos dois tipos de orientação, quando 36% deles revelaram ter tanto uma orientação instrumental quanto integrativa. Os dados analisados evidenciaram tanto o desejo de aprender inglês para ler, para viajar, por questões profissionais, quanto para conhecer novas pessoas, fazer amigos e se integra a outras comunidades linguísticas, como revelam os depoimentos de A33, sobre o seu desejo tanto de viajar e de morar nos Estados Unidos e o de A42, de obter emprego, viajar e estabelecer comunicação com falantes de outras línguas. A seguir alguns desses depoimentos:

A33: Quero viajar, e talvez até morar nos EUA.

A42: Conquistar um bom emprego, ter acesso a outras culturas, viajar, poder me comunicar satisfatoriamente com falantes de outra língua.

A45: Para melhorar meu relacionamento com pessoas de outros países, apreciar a cultura, obter melhores oportunidades de trabalho, absorver mais informações, orientar em viagens internacionais.

Fechando a reflexão por enquanto

Há algum tempo tenho pesquisado sobre as atitudes positivas dos aprendizes de língua inglesa. E apesar dos problemas que enfrentam a educação básica, os resultados são bons. Na pesquisa mencionada aqui com alunos da graduação, por exemplo, a maioria (69%) revelou se sentir motivada para aprender inglês no contexto da academia. E as suas motivações estavam ancoradas em questões pessoais, de foro íntimo, mas também em fatores externos, como a metodologia adotada em sala de aula.

Levando em consideração que o mapeamento das atitudes pode trazer à tona questões como orientação e motivação, de igual modo é verdade que elas podem funcionar bem como termômetro para mensurar como andam a prática docente. Assim, verificar como aprendizes agem num contexto específico de aprendizagem pode direcionar os docentes a caminhos mais propícios à aprendizagem. Nesse sentido, investigar as atitudes, observar e ouvir os aprendizes são caminhos viáveis para aprimorar o ensino e a aprendizagem de uma LE. Tais observações, por exemplo, podem tornar possível que professores revejam a metodologia e abordagem adotadas, optando por outras mais adequadas para determinados grupos de aprendizes.

Por outro lado, é prudente que o professor conscientize aprendizes de línguas estrangeiras quanto às suas aspirações para aprender inglês, quer seja para o trabalho, para ler, para viajar, ou para integrar-se a outra comunidade linguística, para que, assim, os aprendizes percebam a importância de se aprender uma nova língua, num processo que, então, faça sentido para eles.

Em linhas gerais, a análise possibilitou verificar um alto grau de atitudes positivas no contexto desta pesquisa, quando, por exemplo, 59% dos aprendizes veem a aprendizagem da língua inglesa como prazerosa, 78% acham o inglês uma língua interessante, 82% deles revelaram gostar da língua inglesa e 61% deles acharam as aulas de LI interessantes no momento desta pesquisa.

Para a conservação e implementação desse cenário é relevante o reforço de atitudes positivas de docentes e discentes, por meio, por exemplo, de categorias de direitos humanos -

os direitos linguísticos -, cujas implicações levam em consideração o aprendiz, num processo de ensino/aprendizagem em que a negociação, a sugestão e a orientação façam dele mesmo harmônico e produtivo (SCHEYERL, 2009). Assim, os professores estarão assumindo a postura de intelectual transformador, que tanto nos fala Giroux (1997), o que faria com que eles abandonassem práticas mecânicas, para tratarem de experiências da realidade dos aprendizes.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. The historical background of modern social psychology. *In*: LINDZEY, G. (Ed.). **Handbook of social psychology**. Cambridge University Press, 1954.
- ANJOS, F. A. "**Passei o semestre todo estudando o verbo to be**": atitudes, (des)motivação e orientação para aprender inglês de alguns bacharelados da UFRB. 2018. 254 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2018.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; PEREIRA, A. D. P. Formação continuada de professores e pesquisa etnográfica colaborativa: a formação do professor pesquisador. **Revista Moara**, Belém. n. 26, p. 149-162. Ago./dez. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v2i26.3317>
- BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. (Org.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DÖNEYI, Z. Motivation and motivating in the foreign language classroom. **The modern language journal**, v. 78, n. 3, p. 273-284, 1994.
- EAGLY, A. H.; CHIKEN, S. **The psychology of attitudes**. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich, 1993.
- GARDNER, R. C.; LAMBERT, W. E. **Attitudes and motivation in second language learning**. Rowley, Mass: Newbury House, 1959.
- GARDNER, R. C. **Social Psychology and second language learning**: the role of attitudes and motivation. Edward Arnold, 1985.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GHAZVINI, S. D.; KHAJEHPUR, M. Attitudes and motivation in learning English as second language in high school students. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, cidade, v. 15, p. 1209-1213, 2011.
- GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GRADDOL, D. **English next**: why global English may mean the end of English as a foreign language. The British Council. London: The English Company (UK) Ltda, 2004.

GUIMARÃES, S. É. R. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. *In*: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **A motivação do aluno**: contribuição da psicologia contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 37-57.

HOSSEINI, S.B.; POURMANDNIA, D. Language learners’ attitudes and beliefs: brief review of the related literature and frameworks. **International Journal on new trends and education and their implications**, v. 4, n. 4, p. 63-7, 2013.

JACOB, L. K. Diferenças motivacionais e suas implicações no processo de ensino/aprendizagem de Espanhol como língua estrangeira. *In*: CONSOLO, D. A.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **Pesquisas em linguística aplicada**. Ensino e aprendizagem de língua estrangeira. São Paulo: Unesp, 2004. p. 31-54.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

NICHOLSON, S. J. Influencing motivations in the foreign language classroom. **Journal of International Education Research**, v. 9, n. 3, p. 277-286, 2013.

RAMOS, E. Transferência fonológica no ensino de língua inglesa. *In*: LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola, 2011. p. 53-58.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. **Approaches and methods in language teaching**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2014.

SCHEYERL, D. Ensinar língua estrangeira em escolas públicas noturnas. *In*: LIMA, D. C. (Org.) **Ensino/aprendizagem de língua inglesa**: conversas com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 125-139.

YU, Y. **Attitudes of learners toward English: a case of chinese college students**. 20120. 195 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Ohio, Ohio, 2010. Disponível em: https://etd.ohiolink.edu/!etd.send_file?accession=osu1283303545&disposition=inline. Acesso em: 03. set. 2020.

Como referenciar este artigo

ANJOS, F. A. “Gosto muito de estudar inglês”: atitudes positivas em relação à aprendizagem da língua inglesa. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 7, n. 00, p. e021006, 2021. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v7i00.14745>

Submetido em: 08/02/2021

Revisões requeridas: 11/02/2021

Aprovado em: 30/03/2021

Publicado em: 01/06/2021